

Artigos – Gestão do Turismo

Uma abordagem integrada das experiências turísticas transformativas e do bem-estar em contextos de crise

An integrated approach to transformative tourism experiences and well-being in crisis contexts

Un enfoque integrado de las experiencias turísticas transformativas y el bienestar en contextos de crisis

Letícia Cynara Santos-Silva¹, Verônica Feder Mayer¹, Mariana de Freitas Coelho¹, Aline Barbosa Tinoco Luz²

¹Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil.

²Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Florianópolis, SC, Brasil.

Palavras-chave:

Teoria da Aprendizagem Transformativa;
PERMA;
Oscilações no Bem-Estar;
Contextos de crise;
Experiência Turística Transformativa.

Keywords:

Transformative Learning Theory;
PERMA;
Well-Being Fluctuations;
Crisis Contexts;
Transformative Tourist Experience.

Palabras clave:

Teoría del Aprendizaje Transformativo;
PERMA;

Resumo

Este artigo analisa como experiências turísticas com potencial transformativo se relacionam com oscilações no bem-estar em um contexto de crise. A pesquisa fundamenta-se na Teoria da Aprendizagem Transformativa e no modelo PERMA, adotados como lentes teórico-analíticas para compreender processos de desorientação, autorreflexão e construção de significado vivenciados por turistas que viajaram no início da pandemia da Covid-19. Trata-se de um estudo qualitativo, baseado em entrevistas semiestruturadas em profundidade com viajantes brasileiros, analisadas por meio de análise de conteúdo. Os resultados evidenciam que as experiências turísticas vividas em contextos de crise são marcadas por oscilações no bem-estar hedônico e eudaimônico, associadas a promotores e redutores de bem-estar, e que o processo transformativo não decorre exclusivamente da intensidade dos eventos vivenciados, mas dos processos interpretativos e da construção de significado atribuída pelos próprios turistas. A partir dos achados empíricos, o estudo propõe uma síntese conceitual das experiências turísticas transformativas em contextos de crise, destacando o caráter não linear e contingente desses processos. O artigo contribui para o avanço teórico ao integrar aprendizagem transformativa, bem-estar e turismo em situações extremas, oferecendo subsídios para pesquisas futuras e implicações relevantes para a gestão do turismo em contextos de instabilidade.

Abstract

This article analyzes how tourism experiences with transformative potential relate to fluctuations in well-being in a context of crisis. The study is grounded in Transformative Learning Theory and the PERMA model, adopted as theoretical-analytical lenses to understand processes of disorientation, self-reflection, and meaning-making experienced by tourists who traveled at the beginning of the Covid-19 pandemic. This is a qualitative study based on in-depth semi-structured interviews with Brazilian travelers, analyzed through content analysis. The results show that tourism experiences lived in crisis contexts are marked by fluctuations in hedonic and eudaimonic well-being, associated with well-being promoters and reducers, and that the transformative process does not result exclusively from the intensity of the events experienced, but from interpretive processes and the construction of meaning attributed by the tourists themselves. Based on the empirical findings, the study proposes a conceptual synthesis of transformative tourism experiences in crisis contexts, highlighting the non-linear and contingent nature of these processes. The article contributes to theoretical advancement by integrating transformative learning, well-being, and tourism in extreme situations, offering support for future research and relevant implications for tourism management in contexts of instability.

Resumen

Este artículo analiza cómo las experiencias turísticas con potencial transformativo se relacionan con las oscilaciones del bienestar en un contexto de crisis. La investigación se fundamenta en la Teoría del Aprendizaje Transformativo y en el modelo PERMA, adoptados como lentes teórico-analíticas para

Oscilaciones en el Bienestar;
Contextos de Crisis;
Experiencia Turística Transformativa.

Revisado em pares.
Recebido em: 09/07/2025
Aprovado em: 22/06/2026
Editor: Glauber Eduardo de Oliveira Santos.

comprender procesos de desorientación, autorreflexión y construcción de significado vivenciados por turistas que viajaron al inicio de la pandemia de la Covid-19. Se trata de un estudio cualitativo, basado en entrevistas semiestructuradas en profundidad con viajeros brasileños, analizadas mediante análisis de contenido. Los resultados evidencian que las experiencias turísticas vividas en contextos de crisis están marcadas por oscilaciones en el bienestar hedónico y eudaimónico, asociadas a factores promotores y reductores del bienestar, y que el proceso transformativo no se deriva exclusivamente de la intensidad de los eventos vividos, sino de los procesos interpretativos y de la construcción de significado atribuida por los propios turistas. A partir de los hallazgos empíricos, el estudio propone una síntesis conceptual de las experiencias turísticas transformativas en contextos de crisis, destacando el carácter no lineal y contingente de estos procesos. El artículo contribuye al avance teórico al integrar el aprendizaje transformativo, el bienestar y el turismo en situaciones extremas, ofreciendo aportes para futuras investigaciones e implicaciones relevantes para la gestión del turismo en contextos de inestabilidad.



Como Citar: Santos-Silva, L. C. et al. (2026). Uma abordagem integrada das experiências turísticas transformativas e do bem-estar em contextos de crise. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, 20, e-3248, 2026. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v20.3248>

1 INTRODUÇÃO

Viajar é frequentemente concebido como um catalisador para mudanças pessoais significativas (Alahakoon, Pike & Beatson, 2021; Huang, Wang & Wu, 2023). O potencial transformativo da viagem decorre de seu papel como ferramenta de aprendizagem (Walker & Manyamba, 2020), de sua capacidade de promover o bem-estar (Laing & Frost, 2017; Kirillova, Lehto & Cai, 2017a) e de oferecer oportunidades para ressignificação de dilemas existenciais (Alahakoon et al., 2021; Pung & Chiappa, 2020). As experiências turísticas transformativas são aquelas que apresentam um impacto duradouro nas atitudes, valores e comportamentos de um indivíduo (Amaro, Caldeira, & Seabra, 2025).

O estudo sobre a transformação no turismo está evoluindo em cinco vertentes de pesquisa, que analisam os impactos transformadores sob as perspectivas pessoal, social, do design de serviços, dos destinos e do setor turístico como um todo (Zoel, Schott & Campos, 2025). Estudos mais recentes sobre experiências turísticas transformativas têm enfatizado a revisão da literatura (vide Godovykh, 2024; Teoh, Wang & Kwek, 2021; Nandasena, Morrison & Coca-Stefaniak, 2022; Zhao & Agyeiwaah, 2023); e a proposta de modelos teóricos para análise do fenômeno (por exemplo, Dieteren & Neuhofer, 2024; Neuhofer, 2025; Pung, Gnoth & Del Chiappa (2020); Zhang, 2025; Zhao, 2025). Contudo, faltam estudos que priorizem experiências em contextos de crise.

As experiências turísticas podem gerar transformações identitárias e psicológicas, sobretudo quando envolvem dilemas, desconfortos e contextos de imprevisibilidade (Kirillova, Lehto & Cai, 2017b; Pung & Chiappa, 2020). Tais contextos, ao desafiarem o bem-estar do viajante, também o impulsionam a reflexões críticas sobre seus valores, escolhas e relações com o mundo (Milazzo & Soulard, 2024; Reisinger, 2013).

Nesse cenário, a Teoria da Aprendizagem Transformativa (TAT), proposta por Mezirow (1978; 1991), destaca-se como abordagem teórica central para analisar experiências turísticas com potencial transformativo. Segundo o autor, esse processo se inicia com um dilema desorientador, que desencadeia uma sequência de etapas envolvendo autorreflexão, análise de pressupostos, aquisição de novos conhecimentos, desenvolvimento de habilidades e, por fim, integração de uma nova perspectiva na vida (Mezirow, 1991).

A literatura aponta dois principais tipos de gatilhos para promover experiências transformativas, os elementos do destino (ambiente físico, serviços e atividades, interação interpessoal e autenticidade) e os elementos pessoais (cognição, enfrentar elementos desconhecidos e desafios, experiências especiais, comportamentos específicos e emoções) (Zhao & Agyeiwaah, 2023). Embora a literatura em turismo frequentemente relacione experiências transformativas a mudanças positivas e crescimento pessoal (Huang et al., 2023; Pala & Cetin, 2022; Richardson & Insch, 2021), poucos estudos exploram como eventos negativos, desconfortáveis e emocionalmente intensos, como rupturas, medo ou frustração (Pung & Chiappa, 2020), podem reduzir momentaneamente o bem-estar, mas também funcionar como gatilhos para a transformação (Schweiggart et al., 2025; Kirillova, Lehto & Cai, 2016).

As emoções e sentimentos despertados durante uma viagem estão intimamente ligados tanto ao bem-estar subjetivo (Mayer et al., 2019) quanto ao bem-estar psicológico (Ryff, Boylan & Kirsch, 2021; Kondja et al., 2024). O bem-estar subjetivo refere-se à forma como os indivíduos avaliam suas vidas, incluindo afetos positivos e negativos e julgamentos cognitivos de satisfação (Diener, 1984; Diener & Suh, 1997), sendo tradicionalmente associado à dimensão hedônica da experiência. Já o bem-estar psicológico, de orientação eudaimônica, enfatiza crescimento pessoal, propósito de vida e realização do potencial humano (Ryff & Singer, 2008). Nesse panorama, o PERMA

(Seligman, 2011) propõe cinco dimensões do florescimento humano: Emoções Positivas, Engajamento, Relacionamentos, Sentido e Realizações, integrando elementos associados tanto ao bem-estar hedônico quanto ao bem-estar eudaimônico. Essas dimensões podem oscilar ao longo de experiências turísticas, especialmente em contextos desafiadores.

As oscilações positivas e negativas nos níveis de bem-estar em uma viagem, a partir das dimensões do modelo PERMA e do bem-estar subjetivo, são influenciadas pela interligação de fatores que se denominam promotores e redutores do bem-estar (Mayer *et al.*, 2019). Cabe um aprofundamento na discussão sobre como os momentos desconfortáveis vivenciados também podem oferecer oportunidades de reflexão e transformação aos viajantes (Mayer & Coelho, 2021).

Um cenário particularmente propício a essas experiências foi o início da pandemia da Covid-19. Declarada oficialmente como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, a crise sanitária global provocou uma rápida interrupção da mobilidade em mais de 180 países, afetando diretamente o setor do turismo (Sigala, 2020). A necessidade de cancelar, postergar ou antecipar viagens, além da insegurança vivida durante deslocamentos em meio às restrições, trouxe à tona situações-limite que impactaram emocional e logisticamente muitos viajantes (Mayer & Coelho, 2021). Essas experiências inesperadas, muitas delas marcadas por dilemas e incertezas, fornecem um contexto fértil para a análise da aprendizagem transformativa e das oscilações no bem-estar.

O presente artigo propõe uma integração teórica inovadora ao ter como objetivo analisar como as experiências turísticas com potencial transformativo se relacionam com oscilações no bem-estar. A proposta se baseia na Teoria da Aprendizagem Transformativa de Mezirow (1991) como referencial analítico para as transformações geradas pelos dilemas enfrentados, e no modelo PERMA (Seligman, 2011) como lente para identificar oscilações de bem-estar, conectadas a promotores e redutores (Mayer *et al.*, 2019).

A pesquisa concentrou-se em turistas que estavam em viagem entre janeiro e março de 2020, no limiar da declaração oficial da pandemia da Covid-19, a fim de compreender como experiências de crise e deslocamento contribuíram para o processo transformativo na percepção de si e do mundo. Este artigo busca suprir a lacuna de escassez de estruturas teóricas para o entendimento de experiências transformativas de turistas (Zhao & Agyeiwaah, 2023). Como contribuição central, o estudo apresenta uma síntese conceitual da Experiência Turística Transformativa em contextos de crise, construída a partir dos achados empíricos e do diálogo com a Teoria da Aprendizagem Transformativa e as abordagens contemporâneas do bem-estar.

2 TURISMO EM CONTEXTOS DE CRISE

O turismo é amplamente reconhecido como uma atividade vulnerável a eventos disruptivos, dado que depende da mobilidade, da interação social e de condições de estabilidade política, sanitária e econômica (Rosselló, Becken & Santana-Gallego, 2020; Rocha & Silveira, 2021). Estudos sobre gestão de crises no turismo demonstram que choques externos, como desastres naturais, crises sanitárias, instabilidade política e conflitos, afetam diretamente a dinâmica da atividade turística, alterando fluxos de demanda, padrões de deslocamento e estruturas organizacionais (Paixão, Lima & Cordeiro, 2023; Smolčić Jurdana & Agbaba, 2025).

Crises no turismo são descritas como situações que ameaçam a segurança, a reputação e a continuidade das operações de destinos e organizações, exigindo respostas estratégicas e comunicacionais estruturadas (Coombs, 2021; Paixão *et al.*, 2023). No âmbito das experiências de consumo em contextos de crise, Tronvoll e Edvardsson (2022) argumentam que tais situações devem ser compreendidas a partir da interação entre estrutura e agência, uma vez que os indivíduos não apenas reagem às restrições impostas pelo ambiente, mas interpretam ativamente as circunstâncias vivenciadas. Essa perspectiva é particularmente relevante para o turismo, cuja essência reside na experiência.

Diferentes tipos de crise produzem impactos específicos sobre o setor turístico. Desastres naturais afetam a infraestrutura e a atratividade dos destinos, influenciando significativamente o turismo internacional (Rosselló *et al.*, 2020). Conflitos armados e guerras impactam fluxos turísticos e decisões de viagem, alterando padrões de mobilidade e percepção de risco (Hu & Wang, 2025). Da mesma forma, instabilidade política e condições sociais adversas influenciam escolhas de destinos e a percepção de segurança dos viajantes (Grigoriadis *et al.*, 2025). Em contextos urbanos, fatores relacionados à segurança pública também moldam a percepção da demanda real e potencial, influenciando a atratividade turística (Tomé, 2018).

No caso das crises sanitárias, a pandemia da Covid-19 representou um dos episódios mais dramáticos enfrentados pelo turismo contemporâneo (Zhu & Dolnicar, 2021). Desde sua comunicação à Organização Mundial da Saúde no final de 2019 e posterior declaração como pandemia em março de 2020 (OMS, 2020), a Covid-19 desencadeou restrições de mobilidade em escala global, impactando profundamente os sistemas políticos, sociais e econômicos (Gretzel et al., 2020). Sigala (2020) argumenta que a pandemia produziu impactos superiores a crises anteriores. Além disso, pandemias diferem de desastres localizados por seus efeitos prolongados e sistêmicos, incluindo perdas econômicas, desemprego e impactos psicológicos amplos (Bae & Chang, 2021).

No contexto brasileiro, Mayer e Coelho (2021) analisaram experiências de viajantes que enfrentaram situações extremas entre janeiro e março de 2020, período inicial da crise sanitária, evidenciando cancelamentos, antecipações de retorno e reconfiguração de planos de viagem. Tais registros documentais revelam não apenas os impactos estruturais da crise sobre a atividade turística, mas também as dimensões subjetivas e emocionais associadas à vivência de situações extremas.

Assim, compreender o turismo em contextos de crise implica reconhecer que esses eventos afetam simultaneamente estruturas organizacionais, dinâmicas de mobilidade e experiências subjetivas dos viajantes (Tronvoll & Edvardsson, 2022; Paixão et al., 2023). Ao situar a pandemia da Covid-19 nesse debate mais amplo, o presente estudo parte da premissa de que experiências turísticas vividas sob condições de ruptura e incerteza constituem um campo de análise de oscilações no bem-estar e possíveis processos transformativos.

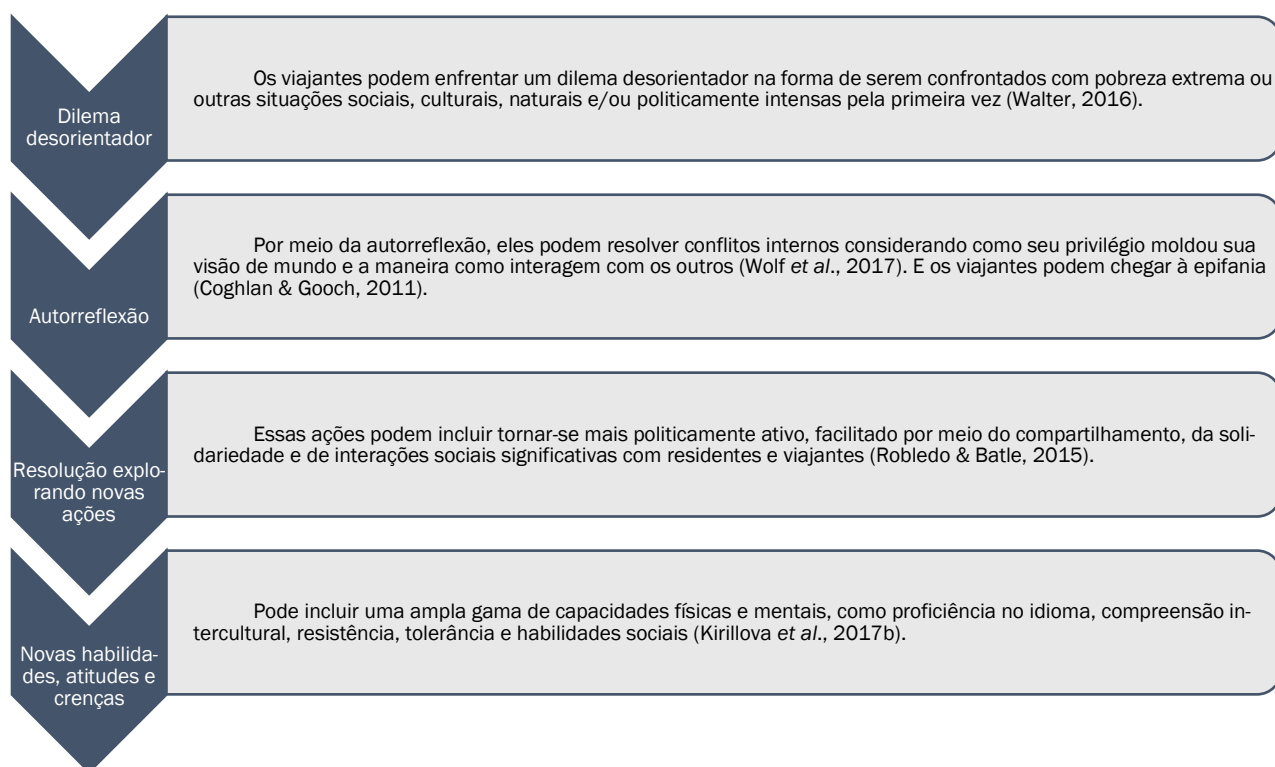
3 TEORIA DE APRENDIZAGEM TRANSFORMATIVA E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO

As experiências transformativas no turismo são compreendidas como vivências que promovem mudanças duradouras na forma como os indivíduos percebem a si mesmos, os outros e o mundo (Kirillova et al., 2017a; 2017b; Pung & Chiappa, 2020), implicando uma reestruturação profunda de valores, crenças, atitudes e comportamentos (Reisinger, 2013; Ross, 2010; Kirillova et al., 2017a).

Nesse contexto, a Teoria da Aprendizagem Transformativa (TAT), de Mezirow (1978; 1991), tem sido amplamente aplicada ao turismo como estrutura teórica para compreender tais mudanças (Milazzo & Soulard, 2024; Kunwar & Ulak, 2024; Huang et al., 2023; Pung & Chiappa, 2020; Soulard, McGehee & Stern, 2019; Wolf, Ainsworth & Crowley, 2017). O processo se inicia com um dilema desorientador, evento que rompe o senso comum e induz à reflexão crítica. No turismo, esse dilema pode surgir de barreiras linguísticas, choques culturais, restrições imprevisíveis ou experiências de vulnerabilidade (Pung & Chiappa, 2020; Reisinger, 2013), funcionando como gatilho para a reavaliação de pressupostos e reconstrução do *self* (Walter, 2016).

A TAT propõe dez etapas: autoexame, avaliação crítica, reconhecimento do processo, exploração de perspectivas, planejamento, aquisição de habilidades, experimentação de novos papéis, desenvolvimento de competência e nova forma de ver o mundo (Mezirow, 1978; 1991). No turismo, relaciona-se ainda ao desenvolvimento da consciência intercultural e competências como aprender idiomas, autonomia no planejamento, lidar com o estresse, uso de tecnologias, gestão de recursos e assunção de riscos (Kunwar & Ulak, 2024; Milazzo & Soulard, 2024; Tsaur & Huang, 2015).

Estudos adaptam essas etapas para refletir a experiência do viajante. O modelo de Wolf, Ainsworth e Crowley (2017) reformula o processo transformativo em um modelo conceitual baseado na TAT, incluindo gatilhos e resultados, com quatro dimensões centrais (ver Figura 1).

Figura 1 - Dimensões das Experiências Turísticas baseadas na Teoria da Aprendizagem Transformativa (ETTAT)

Fonte: adaptado de Wolf et al. (2017).

O processo transformativo apresentado por Wolf et al. (2017) discorre que o turista passa por um dilema desorientador e, por meio da autorreflexão, pode ter uma epifania e agir de forma diferente (Coghlan & Gooch, 2011). O turismo transformativo, portanto, envolve uma jornada interior que desperta consciência, amplia o autoconhecimento e estimula questionamentos sobre o propósito da vida (Sheldon, 2020; Soulard et al., 2021; Neuhofer, Cechluch & To, 2020). Seu princípio mais promissor é tornar o turista um agente de mudança (Pung et al., 2019; Pung & Chiappa, 2020).

As transformações podem ser cognitivas, comportamentais, emocionais (Pala & Cetin, 2022) ou espirituais (Zhao & Agyeiwaah, 2023), e não se limitam ao turismo espiritual ou voluntário: ocorrem também em viagens familiares (Fu et al., 2022), de retorno ao país de origem (Anschütz & Mazzucato, 2022), de lazer (Coelho et al., 2025) e até com falhas de serviços turísticos (Schweiggart et al., 2025). Isso mostra que o desconforto emocional pode ter papel legítimo na transformação do turista.

Essas constatações reforçam que as transformações emergem de experiências inesperadas, interações com o “outro” e emoções ambíguas como medo, frustração, culpa ou saudade (Kirillova et al., 2016). Por isso, estudos recentes voltam-se a elementos menos celebrados do turismo, como falhas, conflitos e rupturas, que são oportunidades para construção de sentido (Schweiggart et al., 2025; Mulcahy et al., 2023).

Ao articular a Teoria da Aprendizagem Transformativa (Mezirow, 1991) com o modelo PERMA (Seligman, 2011), percebe-se que transformações turísticas impactam diretamente o bem-estar subjetivo. Situações desafiadoras podem reduzir o bem-estar momentaneamente, mas, se ressignificadas, fortalecem o sentido de vida, as realizações e os vínculos (Filep, 2012; Huang et al., 2023).

4 MODELO PERMA E OSCILAÇÕES NO BEM-ESTAR

O bem-estar tem sido estudado a partir de duas vertentes relacionadas, porém distintas: o bem-estar subjetivo e o bem-estar psicológico. O bem-estar subjetivo analisa cientificamente como as pessoas avaliam suas vidas ao longo do tempo (Diener & Suh, 1997), incluindo emoções, satisfações e julgamentos positivos e negativos (Diener, Oishi, & Lucas, 2003; Diener, 1984). Esse construto é composto por uma dimensão afetiva, que envolve os afetos positivos e negativos, e uma dimensão cognitiva, referente à avaliação da satisfação com a vida, sendo tradicionalmente associado à hedonia, ligada ao prazer e à felicidade (Vada, Prentice, & Hsiao, 2019).

Por sua vez, o bem-estar psicológico é orientado pelo conceito aristotélico de eudaimonia, que diz respeito ao crescimento pessoal, à realização do potencial humano e à atribuição de sentido às experiências (Heintzelman, 2018; Ryff & Singer, 2008). Essa base eudaimônica no bem-estar psicológico, tem como foco o funcionamento pleno e o florescimento do indivíduo, sendo operacionalizado em seis dimensões: autoaceitação, relacionamentos positivos, autonomia, domínio do ambiente, propósito de vida e crescimento pessoal, sendo esta última mais diretamente associada à eudaimonia (Ryff & Keyes, 1995; Ryff & Singer, 2008). Assim, enquanto o bem-estar subjetivo se alinha predominantemente à hedonia, o bem-estar psicológico se ancora na eudaimonia, refletindo duas perspectivas complementares sobre a experiência humana de bem-estar.

A literatura reconhece que hedonia e eudaimonia não são excludentes, mas complementares na compreensão do bem-estar (Hanley, Warner & Garland, 2015; Buecker *et al.*, 2023; Das *et al.*, 2020; Diener, 1994). Nessa direção, o PERMA (Seligman, 2011) estabelece cinco dimensões do florescimento humano: Emoções Positivas, Engajamento, Relacionamentos, Sentido e Realizações. Cada uma pode ser ativada ou comprometida em viagens. Emoções podem ser afetadas por choques culturais (Kirillova *et al.*, 2016); insegurança ou medo reduzem o engajamento (Mayer *et al.*, 2019); conflitos prejudicam relacionamentos (Pala & Cetin, 2022); desigualdades geram desconforto existencial (Anschütz & Mazzucato, 2022; Soulard *et al.*, 2021); e frustrações reduzem o senso de realização (Schweiggart *et al.*, 2025).

Desta maneira, o PERMA permite compreender emoções e efeitos em experiências turísticas (Filep, 2016; Seligman, 2018; Huang *et al.*, 2023). Adota-se aqui uma visão dinâmica do bem-estar, considerando suas oscilações provocadas por promotores e redutores (Mayer *et al.*, 2019). Tais variações, mesmo desconfortáveis, podem gerar transformação. Mayer *et al.* (2019) demonstraram que essas flutuações são impulsionadas por fatores pessoais, sociais e ambientais (Coelho, Gosling & Almeida, 2018), conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 - Promotores e redutores de bem-estar em uma viagem baseados no modelo PERMA

PROMOTORES DE BEM-ESTAR	Engajamento (<i>Flow Theory</i>)	Atividades que permitem aos turistas experimentarem engajamento por meio da imersão.
	Construir relacionamentos	Integração com o grupo e obter relacionamentos positivos durante as atividades da viagem.
	Significado e propósito	Atividades que dão sentido e propósito à viagem.
	Realização	Sensação de realização pessoal por meio da viagem realizada.
	Estruturas físicas e ambientes naturais	Exposição a condições internas e externas em estruturas físicas e ambientes naturais.
REDUTORES DE BEM-ESTAR	Violação de expectativas	Decepções, promessas não cumpridas, atendimento ruim, atrasos.
	Conflitos interpessoais	Mal-entendido, tratamento rude ou ofensivo por parte de residentes locais ou outros participantes do grupo de viagem.
	Ambientes estressantes	Ambientes estressantes, insalubres ou desconfortáveis.
	Cansaço e fadiga	Exaustão física e mental causada por muitas atividades ou má qualidade do sono

Fonte: adaptado de Mayer *et al.* (2019).

Atividades e eventos que promovem o bem-estar desencadeiam sentimentos positivos, como alegria, satisfação, excitação, contentamento ou afeto, que levam ao aumento dos níveis de bem-estar. Em contrapartida, atividades e eventos que reduzem o bem-estar desencadeiam sentimentos negativos, como tristeza, raiva, frustração, insatisfação e desânimo (Mayer *et al.*, 2019).

Assim, integrar as dimensões do PERMA à análise das experiências transformativas de viagem permite compreender o turismo como um território onde o bem-estar é simultaneamente desafiado e cultivado. O que se propõe aqui é uma leitura ampliada: em vez de excluir o desconforto da narrativa turística, reconhecê-lo como parte legítima e produtiva do processo de transformação pessoal.

5 METODOLOGIA

Com o objetivo de analisar como as experiências turísticas com potencial transformativo se relacionam com oscilações no bem-estar, a presente pesquisa se volta para o período do início da disseminação da Covid-19, quando incertezas e situações de risco permearam essas experiências. Dada a necessidade de compreensão aprofundada das vivências e percepções dos viajantes, a abordagem escolhida foi qualitativa (Creswell & Inoue, 2025). Os métodos escolhidos para se alcançar o objetivo proposto foram: entrevista semiestruturada em profundidade com os

turistas que viajaram no início da pandemia da Covid-19 e análise de conteúdo para codificação dos dados provenientes das entrevistas.

As escolhas metodológicas orientaram-se pelo paradigma pós-positivista, com abordagem dedutiva, partindo de categorias teóricas pré-existentes para análise empírica. Essa orientação permitiu relacionar evidências empíricas às dimensões teóricas da Teoria da Aprendizagem Transformativa (TAT) e do modelo PERMA, mantendo coerência entre pressupostos epistemológicos e objetivos da pesquisa.

A análise de conteúdo possibilita descrever, interpretar e compreender o conteúdo de toda classe de documentos e textos, permitindo descrições sistemáticas, de qualquer material que tenha origem em comunicação verbal ou não-verbal (Bardin, 1977, 2011). Bardin (1977) discorre que a análise de conteúdo compreende as seguintes etapas: 1) pré-análise, que consiste na seleção do material a ser analisado; 2) codificação, que transforma os dados brutos em registros que serão agrupados; 3) categorização, que organiza em critérios todo material codificado; e 4) interpretação dos dados. Todas essas etapas foram empregadas neste trabalho. Além disso, foi utilizado o software Nvivo para a organização das entrevistas.

5.1 Participantes e roteiro semiestruturado

Os participantes do estudo foram selecionados seguindo o método bola de neve. Para a chamada de voluntários, foi divulgada uma arte e um vídeo para compartilhamento nas seguintes redes sociais: WhatsApp, Telegram, Facebook, Instagram e LinkedIn. Os entrevistados atenderam aos seguintes critérios: a) sofreram impactos durante uma viagem em andamento; b) com impedimento ou adiamento do retorno ao domicílio devido às restrições de mobilidade; ou c) contraíram covid-19 em um país estrangeiro (Mayer & Coelho, 2021).

O projeto de pesquisa detalhado do presente trabalho e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram submetidos na Plataforma Brasil para análise do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), tendo sido aprovados sob o Parecer Consubstanciado nº 5.739.943. Dessa forma, foram realizadas 17 entrevistas, por meio da plataforma Google Meet, entre agosto e novembro de 2022. As entrevistas tiveram duração entre 21 minutos e 38 segundos e 32 minutos, com duração média aproximada de 28 minutos. O perfil dos 17 entrevistados que atenderam aos critérios metodológicos de inclusão está sumarizado no Quadro 2. Adotaram-se nomes modificados para os participantes nas análises com o objetivo de preservar suas identidades.

Quadro 2 - Perfil geral dos participantes da pesquisa

(continua)

Nome	Idade	Atuação profissional	Escolaridade	Residência	Destino	Tipo de viagem	Motivação da viagem
Mateus	24	Empresário	Pós-graduação completa	São Paulo	Suíça	Solo	Lazer
Ana	36	Socióloga	Pós-graduação completa	Pernambuco	Portugal, Espanha e Cabo Verde	Casal	Lazer
Fábia	38	Publicitária	Pós-graduação completa	Paraná	Espanha	Família	Religiosa
Lorena	25	Estudante	Graduação incompleta	Rio de Janeiro	Estados Unidos	Solo	Trabalho
Regina	42	Professora	Pós-graduação completa	Rio de Janeiro	Veranópolis-RS	Solo	Visita à família
Roberta	38	Hoteleira	Graduação completa	Maranhão	França	Solo	Lazer
Cecília	44	Empresária	Graduação completa	Pernambuco	Inglaterra, Holanda e Portugal	Casal	Lazer
Rodrigo	29	Autônomo	Graduação completa	Distrito Federal	São Paulo – SP	Casal	Visita à família
Raquel	25	Designer	Graduação completa	Rio de Janeiro	Estados Unidos	Entre amigos	Lazer
Valéria	27	Operadora	Graduação completa	Maranhão	Argentina e Uruguai	Casal	Lazer
Marta	44	Autônoma	Pós-graduação completa	Rio de Janeiro	Itamaracá- PE	Solo	Visita à família
Giovana	35	Engenheira Civil	Pós-graduação completa	Rio de Janeiro	Jamaica	Casal	Lazer
Beatriz	25	Psicóloga	Graduação completa	Paraná	Matinhos - PR	Família	Trabalho

Quadro 2 - Perfil geral dos participantes da pesquisa

(conclusão)

Nome	Idade	Atuação profissional	Escolaridade	Residência	Destino	Tipo de viagem	Motivação da viagem
Carla	23	Jornalista	Pós-graduação completa	Maranhão	Rio de Janeiro - RJ	Família	Lazer
Ruan	25	Advogado	Graduação completa	Maranhão	Portugal, Itália, França e Inglaterra	Família	Lazer
Clara	49	Magistrada	Graduação completa	Maranhão	Emirados Árabes, Líbano e Síria	Casal	Lazer
Sofia	39	Professora	Pós-graduação completa	Maranhão	Apicum-Açu - MA	Grupo de trabalho e estudo	Trabalho

Fonte: Autoras (2025).

Todos os entrevistados preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a maioria dos participantes autorizaram a gravação em áudio e vídeo e a minoria autorizou somente a gravação em áudio. Todos autorizaram a divulgação dos resultados para fins de pesquisa acadêmica. Após a gravação, as entrevistas foram transcritas e transferidas para o Nvivo para fins de codificação e categorização.

O roteiro semiestruturado seguiu três eixos principais: (1) contextualização da viagem, com o intuito de identificar o período, o destino e companhias envolvidas; (2) relato da experiência durante a viagem, buscando compreender o impacto inicial da pandemia, como ela afetou a vivência turística e quais foram os momentos mais marcantes; e (3) reflexão pós-viagem, com foco nas consequências percebidas, nos aprendizados relatados e na eventual ocorrência de transformações pessoais decorrentes da experiência.

5.2 Tratamento e análise dos dados

Para a análise dos dados, adotou-se a análise de conteúdo baseada na literatura e alinhada ao objetivo desta pesquisa. As unidades de contexto foram as respostas concedidas pelos participantes da entrevista e as unidades de registro para a criação de códigos foram as teorias e perspectivas trabalhadas no presente trabalho, que são:

- Dimensões de Experiências Turísticas baseadas na TAT (ETTAT) – Dilema desorientador, Autorreflexão, Resolução por explorar novas ações e Novas habilidades, atitudes e crenças (Figura 1);
- Promotores de bem-estar – Engajamento, Construção de relacionamentos, Significado e propósito, Realização, e Estruturas físicas e ambientes naturais (Quadro 1);
- Redutores de Bem-estar – Violação de expectativas, Conflitos interpessoais, Ambientes estressantes e Cansaço e fadiga (Quadro 1);

Já na categorização, o agrupamento seguiu as dimensões extraídas da teoria e do modelo utilizados por meio dos critérios semânticos nas narrativas dos entrevistados. Por exemplo, em Dilema desorientador buscou-se identificar os primeiros impactos e questões adversas nas viagens; em Promotores de Bem-estar buscou-se identificar significado e propósito; e em Redutores de Bem-estar buscou-se identificar quebra de expectativa e cansaço e fadiga.

A codificação e categorização foi um processo dedutivo por meio de análise direta, ou seja, utilizou-se de teorias e modelos existentes e pesquisas anteriores com o intuito de identificar conceitos chaves (categorias) e códigos (Rossi *et al.*, 2014). A análise direta tenta beneficiar e expandir as teorias trabalhadas, por meio de uma investigação mais profunda (Rossi *et al.*, 2014).

O Quadro 3 revela as etapas do processo de codificação, as dimensões teóricas, os códigos utilizados e os autores que forneceram embasamento.

Quadro 3 - Etapas de codificação

Primeiras codificações - Experiências Turísticas e Teoria da Aprendizagem Transformativa		
Dimensões de ETTAT	Autores	Códigos
Dilema desorientador	Wolf et al. (2017); Soulard et al. (2019)	Primeiros impactos
		Questões Adversas
Autorreflexão	Wolf et al. (2017); Soulard et al. (2019); Coghlan & Gooch (2011)	Questões Internas
Resolução por explorar novas ações	Wolf et al. (2017); Soulard et al. (2019)	Novas Ações
Novas habilidades, atitudes e crenças	Wolf et al. (2017); Soulard et al. (2019)	Aprendizado e Transformação
Segundas codificações - Modelo PERMA		
Dimensões de Bem-estar	Autores	Códigos
Redutores de Bem-estar	Mayer et al. (2019)	Quebra de Expectativa
		Conflitos Interpessoais
		Ambientes Estressantes
		Cansaço e Fadiga
Promotores de Bem-estar	Mayer et al. (2019); Seligman (2011)	Relacionamento
		Significado e Propósito
		Realização
		Estruturas físicas e ambientes naturais
		Engajamento (<i>Flow Theory</i>)

Fonte: Autoras (2025).

Além das etapas de codificação, identificou-se, a partir da recorrência dos códigos e da articulação com a revisão de literatura, uma oportunidade de integração entre as dimensões da Teoria da Aprendizagem Transformativa (TAT) e do PERMA, por meio as oscilações de bem-estar, representadas por promotores e redutores. Tal articulação teórico-analítica permitiu avançar na proposição de uma síntese conceitual que sistematiza os principais achados do estudo, configurando a contribuição teórica central desta pesquisa.

6 RESULTADOS

Sobre a caracterização dos 17 brasileiros participantes do estudo, 14 são mulheres e 3 são homens, com idades entre 23 e 49 anos. Com formação em áreas variadas, todos possuem graduação completa, e 8 possuem pós-graduação completa. Todos são residentes no Brasil e os destinos visitados variam entre nacionais e internacionais. Sobre o tipo de viagem, 6 viajaram em casal, 5 viajaram solo, 4 viajaram em família, 1 viajou com o grupo de trabalho e estudo e 1 viajou com amigos, motivados por lazer, trabalho, visita a familiares e questões religiosas. Todos os entrevistados viajaram entre janeiro e março de 2020. Mais especificamente, 2 viajaram em janeiro, 2 viajaram em fevereiro e 13 viajaram em março.

Nas perguntas relacionadas ao decorrer da viagem, os participantes responderam sobre os primeiros impactos em relação à Covid-19 e como o vírus afetou a experiência, com os riscos e situações difíceis que vivenciaram, além de momentos marcantes, de lazer e bem-estar. As análises estão descritas nas seções a seguir.

6.1 Dilema desorientador e redutores de bem-estar na viagem: primeiros impactos e como a pandemia afetou a experiência

No início dos relatos, os entrevistados descreveram os efeitos imediatos da pandemia durante suas viagens: ambientes vazios, uso obrigatório de máscaras, cancelamentos de voos e passeios, fechamento de fronteiras, decretos

de lockdown e negativa de hospedagem (Baum & Hai, 2020). Esses episódios, codificados como “primeiros impactos”, foram interpretados à luz do dilema desorientador (Mezirow, 1978, 1991), por romperem com a expectativa da viagem.

Os entrevistados também relataram desdobramentos práticos: alterações emergenciais de passagens, mudanças de estadia, restrições de entrada e aumento de protocolos e segurança nos destinos. Essas “questões adversas” acentuaram o estado de alerta emocional, gerando incerteza e descontrole. Esses relatos refletem as mudanças estruturais no turismo diante da pandemia (Mayer & Coelho, 2021; Prentice, Altinay & Woodside, 2021).

Sensações negativas como estresse, cansaço, frustração e medo foram identificadas como Redutores de Bem-Estar (Mayer *et al.*, 2019), e as falas também revelaram conflitos interpessoais e experiências negativas com prestadores de serviço, como agências mal avaliadas, abusos em cruzeiros e golpes com passagens, conforme abordado por Nickerson *et al.* (2020) e Mayer & Coelho (2021), além de impactos emocionais como ansiedade e raiva (Tikhonova, Kim & Butler, 2018). Esses eventos e trechos dos relatos estão no Quadro 4.

Quadro 4 - Códigos das Dimensões de ETTAT e de Bem-Estar - primeiros impactos e como a pandemia afetou a experiência

Códigos das Dimensões de ETTAT - Dilema Desorientador	Códigos das Dimensões de Bem-estar - Redutores de Bem-estar	Trechos dos relatos sobre o primeiro impacto em relação à Covid-19 e como ela afetou a experiência de viagem
Primeiros impactos e Questões adversas	Quebra de expectativa	“Sobrevoando a praia, que normalmente tem muita gente, a praia estava totalmente vazia , não tinha uma alma.” (Marta, 44 anos, destino Itamaracá-PE) “Eu cheguei na sexta e no sábado, no mesmo dia que eu cheguei eles Já estavam falando em fechamento das fronteiras .” (Roberta, 38 anos, destino França)
Questões adversas	Quebra de expectativa	“[...] começou a ter segurança barrando entrada de estabelecimentos [...]” (Valéria, 27 anos, destino Argentina e Uruguai) “[...] ai veio aquela avalanche, os aeroportos fechados, todos os voos do mundo cancelados , ai veio aquele choque.” (Clara, 49 anos, destino Emirados Árabes, Líbano e Síria)
Primeiros impactos e Questões adversas	Ambientes estressantes	“ O aeroporto estava lotado , muito cheio [...]”. (Giovana, 35 anos, destino Jamaica) “ Eu olhei pra fila e disse assim ‘não tem condições’, a fila está gigante , eu preciso dormir, eu preciso comer [...]”. (Ana, 36 anos, destino Portugal, Espanha e Cabo Verde)
Questões adversas	Cansaço e fadiga	“[...] nós passamos o dia caminhando até que quando a gente estava perto do nosso destino, a gente começou a se sentir muito cansado .” (Fábria, 38 anos, destino Espanha) “Então eu fui emagrecendo, [...] eu não conseguia nem comer, a fadiga muito grande [...]” (Clara, 49 anos, destino Emirados Árabes, Líbano e Síria) “ Eu fiquei um pouco sentindo a garganta, com muito cansaço [...]” (Ruan, 25 anos, destino Portugal, Itália, França e Inglaterra)

Fonte: Autoras (2025).

Importante destacar que, na perspectiva da Teoria da Aprendizagem Transformativa, dilemas desorientadores podem surgir de crises pessoais ou contextos sociais extremos, e são capazes de mobilizar processos de autoexame emocional, questionamento de pressupostos e reconstrução da visão de mundo (Mezirow, 1991). Nesse caso, a pandemia funcionou como um pano de fundo que amplificou a tensão entre desejo e responsabilidade, entre liberdade e contenção, gerando desconfortos que, posteriormente, abririam espaço para reflexões.

6.2 Autorreflexão e promotores de bem-estar: como a pandemia afetou a experiência de viagem

Mesmo em um contexto adverso, os entrevistados destacaram aspectos positivos das viagens. Relataram apoio e solidariedade, como auxílio de brasileiros no retorno ao país, caronas em situações críticas e hospedagens cedidas por desconhecidos. Tais relações foram interpretadas como Promotores de Bem-Estar, especialmente na dimensão dos Relacionamentos Positivos do modelo PERMA (Seligman, 2011), alinhando-se à literatura sobre o papel das conexões interpessoais no turismo (Pung & Chiappa, 2020; Neuhofer *et al.*, 2020). Segundo Mayer *et al.* (2019), essas conexões promovem sensação de aceitação, apoio e proteção, fundamentais em contextos incertos.

Outro ponto recorrente foram os ambientes físicos e naturais. Muitos relataram usufruto de espaços abertos e tranquilos, como praias, devido à ausência de aglomerações. Mais do que emoções positivas momentâneas, esses episódios parecem ter contribuído para a construção de sentidos sobre a experiência vivida, favorecendo processos de autorreflexão em um contexto de incerteza. A percepção de segurança e liberdade também foi associada ao

relaxamento, o que converge com estudos sobre a preferência por destinos naturais no pós-pandemia como forma de autorregulação emocional (Silva & Mayer, 2021; Zhang, Sun & Lu, 2023).

Relatos de imersão em atividades como peregrinações evidenciaram a dimensão do Engajamento (Seligman, 2011; Csikszentmihalyi, 1990). Muitos descreveram-se absorvidos, desconectados da tecnologia, vivenciando o “fluxo” (Wheatley & Bickerton, 2017; Tikhonova et al., 2018).

Os exemplos representativos dessas experiências e a relação entre os códigos são apresentados no Quadro 5.

Quadro 5 - Códigos das Dimensões de ETTAT e de Bem-Estar - como a pandemia afetou a experiência de viagem

Códigos das Dimensões de ETTAT - Autorreflexão	Códigos das Dimensões de Bem-estar – Promotores de Bem-estar	Trechos com experiências positivas dos participantes sobre como a pandemia afetou a experiência de viagem
Questões internas	Estruturas físicas e ambientes naturais	“[...] a gente tinha muita praia, era sempre um local muito aberto. Então, nesse ponto foi muito tranquilo.” (Giovana, 35 anos, destino Jamaica)
Questões internas	Engajamento	“[...] e a gente no navio estava num mundo à parte, né? A gente não tinha contato com nada nem ninguém. (Ana, 36 anos, destino Portugal, Espanha e Cabo Verde) “[...] a gente passava o dia passeando, conhecendo, e depois quando efetivamente começamos a peregrinação, a gente realmente ficou contato zero [...]” (Fábia, 38 anos, destino Espanha)
Questões internas	Relacionamentos	“E aí foi quando a gente retornou para Lisboa e fomos recepcionados por um casal de amigos de um compadre nosso aqui, ou seja, pessoas que nunca nem nos viram, brasileiros, mas que moravam lá em Portugal.” (Ana, 36 anos, destino Portugal, Espanha e Cabo Verde) “Esse senhor acabou colocando a gente dentro do carro dele e levando até Barcelos [...]” (Fábia, 38 anos, destino Espanha)

Fonte: Autoras (2025).

Os promotores de bem-estar destacados vão ao encontro das descrições do estudo de Mayer et al., (2019). Algumas atividades, mesmo em uma viagem desafiadora, ofereceram imersão, oportunidades de desenvolvimento de relacionamentos positivos e condições físicas que promoveram sensações positivas nos entrevistados (Zhao & Agyeiwaah, 2023). Casos similares foram descritos por Huang et al. (2023), que mostram como o desconforto emocional pode ser integrado à experiência eudaimônica de crescimento.

6.3 Dilema desorientador e autorreflexão nos redutores e promotores de bem-estar na viagem: momentos mais marcantes

Ao serem questionados sobre os momentos mais marcantes da viagem, os entrevistados relataram episódios de forte carga emocional, tanto negativa quanto positiva. As narrativas de tensão incluíram o retorno ao país, notícias sobre a pandemia, passageiros tentando remarcar voos e aeroportos lotados, experiências visual e emocionalmente impactantes (Zhang et al., 2023). Outros relatos mencionaram a tristeza por interromper a viagem (Mayer & Coelho, 2021), medo de contaminar familiares (Doğan et al., 2022), incertezas sobre os próximos dias e casos de xenofobia e hostilidade (Tse & Tung, 2021). Ambientes vazios e silenciosos, normalmente vibrantes, geraram estranhamento e desconforto (Vărzaru et al., 2021). Esses elementos intensificaram o desconforto psicológico e evidenciam os impactos da pandemia nas experiências turísticas (Quadro 6).

Quadro 6 - Códigos das Dimensões de ETTAT e de Bem-Estar - Redutores de bem-estar nos momentos mais marcantes (continua)

Códigos das Dimensões de ETTAT - Dilema desorientador e Autorreflexão	Códigos das Dimensões de Bem-estar – Redutores de Bem-estar	Trechos negativos de momentos mais marcantes da viagem
Questões adversas	Ambientes estressantes	“[...] a gente chegou no ferry-boat com o ônibus sem passagem, todo mundo assim, e lotado, lotado, morrendo de medo.” (Sofia, 39 anos, destino Apicum-Açu – MA) “Eu acho que um dos momentos que mais me marcaram foi que eu quase perdi o voo exatamente por causa dessa confusão, né?” (Lorena, 25 anos, destino Estados Unidos)
Questões adversas e Questões internas	Quebra de expectativa	“O que me marcou muito foi ver lugares que eram muito lotados, completamente vazio. [...]” (Beatriz, 25 anos, destino Matinhos – PR) “[...]Chegando lá, o restaurante estava vazio. Então isso marcou realmente [...]”. A gente tem aquele vazio sim.” (Cecília, 44 anos, destino Inglaterra, Holanda e Portugal)

Quadro 6 - Códigos das Dimensões de ETTAT e de Bem-Estar - Redutores de bem-estar nos momentos mais marcantes

(conclusão)

Códigos das Dimensões de ETTAT - Dilema desorientador e Autorreflexão	Códigos das Dimensões de Bem-estar - Redutores de Bem-estar	Trechos negativos de momentos mais marcantes da viagem
Questões adversas e Questões internas	Conflitos interpessoais	“Pra ser bem sincera, eu nunca tinha sofrido uma questão de preconceito assim, sabe? Nunca havia sido discriminada assim. E como eles gritaram, eles xingaram a gente, expulsaram a gente, enxotaram, falaram que a gente era sujo, que a gente tinha que voltar pro nosso país , que a gente tava lá levando doença pra eles [...]” (Fábia, 38 anos, destino Espanha)

Fonte: Autoras, 2025.

Por outro lado, também foram lembrados momentos de realização e conexão, como a emoção de visitar destinos sonhados (Seligman, 2011; Mayer *et al.*, 2019) ou a valorização da presença de familiares, reforçando aspectos eudaimônicos como propósito, realização e vínculos (Huang *et al.*, 2023), conforme ilustrado no Quadro 7.

Quadro 7 - Códigos das Dimensões de ETTAT e de Bem-Estar - Promotores de bem-estar nos momentos mais marcantes

Códigos das Dimensões de ETTAT - Autorreflexão	Códigos das Dimensões de Bem-estar - Promotores de Bem-estar	Trechos positivos de momentos mais marcantes da viagem
Questões internas	Realização	“[...] o momento mais marcante para mim da viagem foi conhecer Paris e a Torre Eiffel e todas aquelas estruturas lá que fazem parte... Não só Paris, Roma também [...], o Coliseu, a Praça da Bastilha, o Museu do Louvre.” (Ruan, 25 anos, destino Portugal, Itália, França e Inglaterra) “A chegada foi bem marcante assim, porque realmente é a concretização da realização do sonho, apesar do período que foi.” (Roberta, 38 anos, destino França)
Questões internas	Significado e propósito e Relacionamento	“Foram vários que nós acabamos conseguindo conviver muito em família, que fazia anos que isso não era feito.” (Regina, 42 anos, destino Veranópolis- RS) “Cara, ficar com a minha mãe nesse momento foi o mais marcante pra mim [...] Então foi muito importante estar ali.” (Marta, 44 anos, destino Itamaracá- PE)

Fonte: Autoras, 2025.

As oscilações emocionais revelam que o bem-estar na experiência turística é dinâmico, marcado por confrontos internos, ressignificações e crescimento (Mayer *et al.*, 2019; Huang *et al.*, 2023). Essa ambivalência aponta para a possibilidade de transformação a partir da crise (Mezirow, 1991), cujos efeitos ultrapassam o momento da viagem.

6.4 Autorreflexão, novas ações e novas habilidades: aprendizado e transformação dos participantes

Ao abordarem as consequências do que vivenciaram durante a viagem, os entrevistados relataram impactos que extrapolaram o campo turístico, alcançando esferas emocionais, sociais, financeiras e de saúde (Nickerson *et al.*, 2020; Kirillova *et al.*, 2017a). Em consonância com a Teoria da Aprendizagem Transformativa, os relatos permitiram identificar três dimensões principais: Autorreflexão, Novas ações e Aprendizado e transformação (Mezirow, 1991; Wolf *et al.*, 2017; Soulard *et al.*, 2019).

Essas dimensões foram codificadas como Questões internas, Novas ações e Aprendizado e Transformação.

Os exemplos estão sistematizados no Quadro 8.

Quadro 8 - Códigos e trechos sobre o aprendizado e transformação dos participantes

(continua)

Dimensões da ETTAT	Trechos com reflexões sobre aprendizado e transformação dos participantes
Questões internas	“[...] foi um momento bem complicado, tanto é que foi um momento onde comecei a fazer terapia [...]” (Mateus, 24 anos, destino Suíça) “Eu acho que mais psicológica. Eu tenho dificuldade em deixar as coisas para amanhã. Sabe, eu me tornei isso, esse imediatismo assim...” (Fábia, 38 anos, destino Espanha) “Quando eu paro pra pensar nessa época eu vejo que eu dou muito mais valor pra ficar em família...” (Beatriz, 25 anos, destino Matinhos-PR) “A humanidade tem um potencial muito ruim para as coisas. Foi mais essa visão mais clara para mim do que qualquer outra coisa.” (Rodrigo, 29 anos, destino São Paulo-SP)

Quadro 8 - Códigos e trechos sobre o aprendizado e transformação dos participantes

(conclusão)

Dimensões da ETTAT	Trechos com reflexões sobre aprendizado e transformação dos participantes
Novas ações	“[...] mudou muito assim pra mim o modo de olhar pro próximo, né? Em ajudar o próximo... [...] eu penso primeiro nas pessoas.” (Sofia, 39 anos, destino Apicum-Açu-MA) “Hoje eu tenho o sentimento de que eu consigo aprender e ver as coisas diferentes. Acho que peguei o hábito de saber mais sobre a cultura, os empreendimentos que têm nos lugares...” (Valéria, 27 anos, destino Argentina e Uruguai) “Eu comecei assim a alugar um Airbnb (...) para uma praia que não fosse muito cheia...” (Giovana, 35 anos, destino Jamaica)
Aprendizado e transformação	“Assim, aprendi que a gente tem que viver o hoje [...].” (Cecília, 44 anos, destino Inglaterra, Holanda e Portugal) “[...] paciência. É uma coisa que eu não tinha e que eu desenvolvi.” (Marta, 44 anos, destino Itamaracá-PE) “Com o aprendizado positivo de falar, eu consigo ser mais perseverante...” (Rodrigo, 29 anos, destino São Paulo-SP) “Eu acho que eu fiquei mais independente, entendeu?” (Lorena, 25 anos, destino Estados Unidos)

Fonte: Autoras (2025).

As reflexões relatadas pelos participantes estiveram associadas a diferentes dimensões do bem-estar. Os processos de autorreflexão foram frequentemente associados a fatores que reduziram o bem-estar, como a quebra de expectativas, conflitos interpessoais e o cansaço físico e emocional vivenciados durante a pandemia. Por outro lado, as mudanças percebidas pelos entrevistados também estiveram ligadas a promotores de bem-estar, especialmente às dimensões de relacionamento, significado, propósito e realização, evidenciadas pela maior valorização da família, pelo fortalecimento da empatia, pela busca de novos sentidos para a vida e pelo desenvolvimento de características pessoais como paciência, perseverança e independência.

Além dos impactos subjetivos, os entrevistados relataram mudanças práticas, como maior atenção à saúde, adoção de precauções financeiras e novos critérios para futuras viagens. Essas transformações comportamentais, discutidas por Sheldon (2020), Mayer e Coelho (2021) e Dryhurst et al. (2020), mostram como o aprendizado se traduziu em atitudes concretas, fortalecendo o caráter transformativo da viagem.

Segundo os relatos, as consequências psicológicas incluíram aprendizados sobre gratidão, valorização e consciência de como viver melhor (Sheldon, 2020; Tikhonova et al., 2018); as financeiras apontaram maior cautela com contratos e compras (Sheldon, 2020; Mayer & Coelho, 2021); as sociais envolveram novas formas de comunicação, enfrentamento do medo e compreensão de problemas globais (Doğan et al., 2022); e as relacionadas à saúde indicaram maior valorização da vida, da família e atenção à prevenção (Orden-Meija et al., 2022; Dryhurst et al., 2020).

Portanto, o dilema desorientador, entendido como o gatilho inicial do processo vivenciado pelos entrevistados, foi seguido por movimentos de autorreflexão e ressignificação da experiência, que se manifestaram em mudanças de atitudes, crenças, prioridades e comportamentos, em consonância com os pressupostos da Aprendizagem Transformativa (Mezirow, 1991). Ainda que situadas em um contexto extremo, essas experiências revelam o potencial transformativo das viagens, especialmente quando atravessadas por desafios que afetam diretamente a noção de controle, segurança e previsibilidade.

7 DISCUSSÃO E CONTRIBUIÇÕES

Os resultados do presente estudo indicam que experiências turísticas vividas em contextos de crise, mobilizam processos complexos de aprendizagem, bem-estar e mudança pessoal. A partir da análise das entrevistas, é possível compreender como turistas que viajaram entre janeiro e março de 2020 - período crítico da disseminação da Covid-19 - vivenciaram suas experiências de viagem, articulando as dimensões das Experiências Turísticas à luz da Teoria da Aprendizagem Transformativa (Mezirow, 1978, 1991; Wolf et al., 2017) e as dimensões de redutores e promotores de bem-estar (Mayer et al., 2019).

A Teoria da Aprendizagem Transformativa (TAT) e o PERMA emergem nas narrativas dos entrevistados, contribuindo para a compreensão das oscilações vivenciadas no bem-estar subjetivo durante e após a viagem. Os resultados indicam que as experiências analisadas podem ser interpretadas à luz das etapas propostas por Wolf et al. (2017), com base em Mezirow (1991). Os dados demonstram a vivência de dilemas desorientadores, processos de autorreflexão, a adoção de novas ações e o desenvolvimento de novas habilidades. Esse percurso foi permeado por intensas oscilações emocionais e por experiências que afetaram a percepção de bem-estar dos participantes. Assim, torna-se possível avançar para uma articulação entre a Teoria da Aprendizagem Transformativa, a noção de

Experiência Turística Transformativa e as dinâmicas de bem-estar, evidenciando como esses elementos se inter-relacionam nos processos transformativos vivenciados.

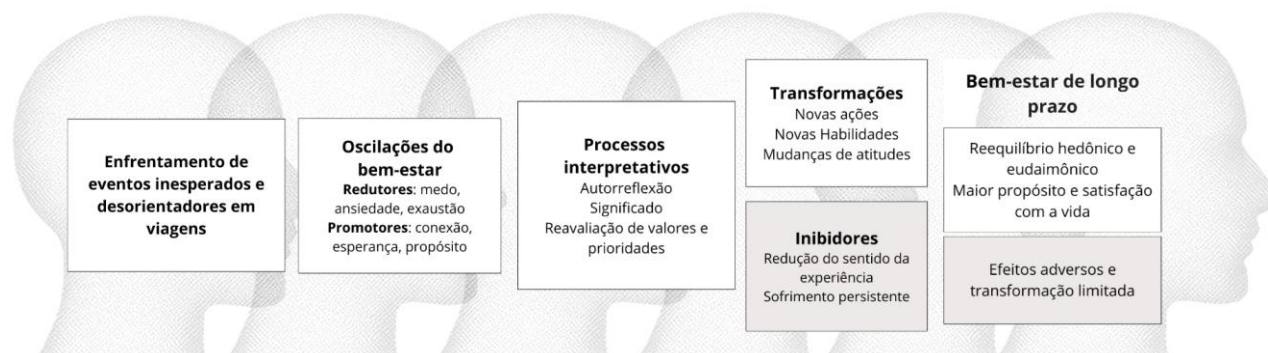
Considerando que processos transformativos tendem a ser emocionalmente intensos (Kirillova *et al.*, 2017a) e que sentimentos e emoções vivenciados ao longo da viagem se relacionam diretamente às oscilações do bem-estar subjetivo, a noção de experiência turística transformativa permite uma compreensão mais abrangente sobre como momentos significativos são vivenciados, interpretados e incorporados pelos indivíduos, com insights profundos (Filep, 2012).

Os achados empíricos permitem postular as experiências turísticas transformativas como processos nos quais a desorientação inicial, as oscilações de bem-estar e a autorreflexão se articulam. As narrativas dos participantes evidenciam que experiências vividas em contextos de crise e marcadas por medo real, perda de controle e ruptura de expectativas criam um estado de desorientação que afeta diretamente o bem-estar hedônico, ao mesmo tempo em que abre espaço para reflexões mais profundas sobre valores, propósito, prioridades e modos de viver, características da busca pelo bem-estar eudaimônico. Essa compreensão é coerente com a Teoria da Aprendizagem Transformativa, que já reconhecia o desconforto emocional, o risco e a perda como elementos inerentes aos processos transformativos (Mezirow, 1991; Poutiatine, 2009; Green, 2023), embora sem tratar de forma sistemática as oscilações do bem-estar hedônico e eudaimônico ao longo desses processos.

Esses resultados também convergem com estudos recentes que indicam que a desorientação, por si só, pode não ser suficiente para produzir transformação. Em consonância com Zhao (2025), os dados mostram que experiências desafiadoras adquirem potencial transformativo quando ocorrem processos de reflexão e construção de significado. Para Zhao (2025), a desorientação não é suficiente para gerar transformação, mas depende de processos reflexivos e o sentido atribuído à experiência é central. Ou seja, nem toda experiência turística é transformativa (Amaro *et al.*, 2025). Experiências intensas podem inibir a transformação se não desencadearem processos interpretativos do próprio turista. Na ausência desses processos interpretativos, a desorientação pode assumir um efeito potencialmente negativo, comprometendo a percepção de sentido da experiência e, consequentemente, inibindo ou limitando seus desdobramentos transformativos.

No contexto da atual pesquisa, mais extremo do que aqueles examinados em pesquisas anteriores (Kirillova *et al.*, 2017a; Kirillova *et al.*, 2017b; Richardson & Insch, 2021; Soulard *et al.*, 2021; Pala & Cetin, 2022; Zhao & Agyei-waah, 2022; Kunwar & Ulak, 2024; Milazzo & Soulard, 2024; Amaro *et al.*, 2025; Zhao, 2025), o sentido emergiu como um processo existencial, relacionado à sobrevivência, à valorização da vida e à redefinição de prioridades. Assim, a transformação observada entre os participantes não decorreu apenas da intensidade da experiência e dos sentimentos negativos vivenciados, mas da capacidade de interpretar a experiência, atribuir sentido a ela e integrá-la à própria trajetória de vida. Como desdobramento desse processo reflexivo, os participantes relataram a adoção de novas ações, tanto durante a viagem quanto na vida cotidiana, incluindo práticas de maior autocuidado, valorização de vínculos interpessoais, maior flexibilidade no planejamento de viagens e novas formas de lidar com situações de incerteza. Essas ações contribuíram para o reequilíbrio do bem-estar, em dimensões associadas tanto a aspectos hedônicos quanto eudaimônicos. Os relatos também indicaram o desenvolvimento de habilidades como resiliência, adaptabilidade, reflexão crítica, empatia e autocuidado, percebidas pelos participantes como aprendizados relevantes decorrentes da experiência vivida. Do ponto de vista do bem-estar, o fortalecimento dessas habilidades pode influenciar positivamente o bem-estar físico e mental, promovendo maior satisfação com a vida, maior capacidade de realização e fortalecimento do senso de propósito e significado.

A Figura 2 apresenta a Síntese Conceitual da Experiência Turística Transformativa em contextos de crise, construída a partir dos achados empíricos e do diálogo com a Teoria da Aprendizagem Transformativa e o modelo PERMA. A figura evidencia como o enfrentamento de eventos inesperados e desorientadores, associado a oscilações no bem-estar subjetivo, constitui um campo experiencial no qual processos interpretativos, como autorreflexão, construção de significado e reavaliação de valores e prioridades, assumem um papel central. A partir desses processos, distintos desdobramentos tornam-se possíveis, incluindo transformações pessoais, manifestadas em novas ações, habilidades e mudanças de atitude, bem como trajetórias limitadas ou inibidas, marcadas pela redução do sentido da experiência ou pela persistência do sofrimento. A figura também destaca que tais processos podem resultar em diferentes efeitos sobre o bem-estar de longo prazo, reforçando a compreensão da experiência turística transformativa como um processo complexo, não linear e contingente ao contexto.

Figura 2 - Síntese Conceitual das Experiências Turísticas Transformativas em contextos de crise

Fonte: Autoras (2025).

As oscilações no bem-estar são constitutivas da experiência transformativa. Como afirmam Huang *et al.* (2023), o mal-estar pode catalisar o florescimento, desde que acompanhado de reflexão, elaboração e reconexão com valores, elementos centrais da TAT. A TAT promove mudanças profundas nos valores, atitudes e habilidades (Wolf *et al.*, 2017), enquanto o PERMA, ao integrar bem-estar hedônico e eudaimônico, permite compreender como essas transformações trazem realização, engajamento, significado e propósito (Seligman, 2018; Mayer *et al.*, 2019; Filep, 2012; Huang *et al.*, 2023).

A combinação permite compreender o turismo como um espaço privilegiado de crescimento pessoal, especialmente em contextos desafiadores. (Laing & Frost, 2017). Essa interação sugere que os desafios vividos durante a viagem podem fomentar reflexões profundas, o desenvolvimento de habilidades e a ressignificação de valores. Compreender tal relação é essencial para pesquisadores e gestores do turismo, pois evidencia o potencial do setor como ferramenta de desenvolvimento humano e promoção do bem-estar.

Ainda que nem toda viagem seja transformativa (Morgan, 2010; Coelho *et al.*, 2025), aquelas realizadas durante a pandemia se destacam pelo potencial de mudança, dadas suas condições extremas (Abdullah *et al.*, 2020; Xu *et al.*, 2022). Tais experiências turísticas foram marcadas por gatilhos desorientadores, forte carga emocional, autorreflexão intensa e transformações profundas.

Definem-se, assim, as experiências turísticas transformativas como aquelas que partem do enfrentamento de eventos inesperados ou desorientadores, que geram oscilações no bem-estar subjetivo, ora promovendo emoções positivas, ora negativas, e que desafiam suposições e valores do indivíduo. Esses eventos promovem reflexões profundas, abrem espaço para o crescimento pessoal e o desenvolvimento de novas habilidades, ao mesmo tempo exigindo elaboração de ações para lidar com os desconfortos e desafios vivenciados durante a viagem. O bem-estar, portanto, não é apenas um resultado, mas também um componente ativo e processual da experiência turística transformativa.

Contudo, é necessário reconhecer que nem todo evento negativo leva, inevitavelmente, a uma transformação positiva, pois podem resultar em impactos psicológicos negativos e traumas profundos. Enquanto alguns indivíduos conseguem ressignificar a experiência e extrair crescimento, outros enfrentam maiores dificuldades, a depender de fatores pessoais, sociais e contextuais (Mayer & Coelho, 2021). Por isso, o acolhimento psicológico e a presença de redes de apoio ao indivíduo tornam-se fundamentais no pós-viagem.

A TAT também amplia os estudos sobre bem-estar ao propor uma leitura mais profunda dos redutores. Enquanto muitos estudos priorizam promotores e a minimização dos negativos (Mayer *et al.*, 2019; Huang *et al.*, 2023; Pung & Chiappa, 2020), a TAT evidencia o desconforto como ponto de partida da transformação. Assim, estranhamentos e rupturas são relevantes para a ressignificação e para o amadurecimento (Mezirow, 1991; Wolf *et al.*, 2017). Reconhecer os redutores de bem-estar como estruturantes da transformação é essencial para compreender as experiências turísticas em sua complexidade.

De outro modo, Soulard, McGehee e Knollenberg (2020) identificam que a desorientação pode surgir em momentos distintos da jornada, inclusive após o retorno, configurando um processo contínuo e não linear de transformação.

A síntese conceitual da experiência turística transformativa proposta neste estudo contempla essas perspectivas ao articular o processo cognitivo da TAT com as dimensões afetivas e contextuais do bem-estar. Assim, entende-se

que o dilema desorientador permanece como o gatilho conceitual (Amaro *et al.*, 2025), mas seus efeitos transformativos variam conforme a presença de promotores e redutores de bem-estar (Mayer *et al.*, 2019), que modulam a intensidade e a direção das mudanças percebidas, favorecendo processos de autorreflexão e atribuição de sentido (Zhao, 2025). Assim, o potencial transformativo de uma experiência reside na forma como os turistas interpretam os momentos inesperados, e não somente nos gatilhos sociais ou ambientais (Amaro *et al.*, 2025).

Embora sustentada empiricamente pelas experiências vividas durante a pandemia da Covid-19, a Síntese Conceitual das Experiências Turísticas Transformativas contribui para a compreensão de processos transformativos em contextos de crise mais amplos, nos quais eventos inesperados e disruptivos desafiam pressupostos, valores e sentidos previamente estabilizados. Assim, sem pretensão de generalização direta, argumenta-se que a figura oferece potencial analítico para investigações futuras sobre experiências transformativas em situações extremas, como desastres naturais, conflitos armados ou outras crises globais que afetem profundamente a experiência turística.

Desse modo, essa proposta integra diferentes tempos e formas de desorientação, reconhecendo que a experiência turística pode se desenvolver em ondas sucessivas de desconforto, reflexão e reequilíbrio emocional, coerente com os achados de Zhao (2025), Amaro *et al.* (2025) e Soulard *et al.* (2020).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta uma contribuição teórica inovadora ao propor a integração entre a Teoria da Aprendizagem Transformativa (Mezirow, 1991) e o modelo PERMA (Seligman, 2011), aplicando essa articulação ao campo do turismo. A combinação entre a teoria e o modelo contribui para os estudos relacionados à Aprendizagem Transformativa ao considerar as oscilações de bem-estar, evidenciando que a transformação emerge de dinâmicas não lineares entre experiências positivas e adversas, e não de estados contínuos de equilíbrio ou satisfação; e, simultaneamente, para os estudos sobre bem-estar em viagens, ao ampliar uma leitura tradicionalmente centrada apenas nos aspectos positivos da experiência.

Ademais, o estudo oferece outra contribuição teórica relevante, no contexto de crise global no qual é aplicado. Em um cenário global marcado por instabilidade política, conflitos armados, mudanças climáticas e recorrência de desastres naturais (Hu & Wang, 2025; Grigoriadis *et al.*, 2025; Gössling & Scott, 2025; Rosselló *et al.*, 2020), as experiências turísticas tendem a ser atravessadas por incertezas, riscos percebidos e situações adversas. Esses elementos, cada vez mais presentes no cotidiano das viagens, carregam potencial significativo para moldar não apenas a forma como o turismo se organiza, mas também como os viajantes atribuem sentido às suas experiências. Assim, o estudo corrobora com achados recentes (Zhao, 2025; Amaro *et al.*, 2025), que mostram que experiências desafiadoras adquirem potencial transformativo quando acompanhadas por processos de reflexão e construção de significado, sendo o sentido atribuído à experiência um elemento central da aprendizagem transformativa.

Oscilações podem favorecer transformações, mas desafios intensos podem gerar problemas emocionais e traumas. Torna-se essencial, portanto, que gestores públicos e privados compreendam as implicações de crises e desastres que envolvam viajantes em situações inesperadas e extremas, ou seja, é fundamental considerar redutores, como conflitos internos, cansaço, ambientes estressantes, conflitos interpessoais, quanto promotores representados por realização, significado, contato com ambientes naturais, estrutura física, relacionamentos positivos, engajamento (Mayer *et al.*, 2019; Pung & Chiappa, 2020; Kirillova *et al.*, 2016; 2017b) para que seja possível viabilizar condições que favoreçam a reflexão, a construção de significado e o cuidado com o bem-estar em situações inesperadas.

Os achados deste estudo evidenciam que a gestão do turismo, especialmente em contextos marcados por instabilidade e crise, requer capacidades específicas para lidar com perdas, incertezas e percepções de risco (Dryhurst *et al.*, 2020), com as novas demandas no contexto pós-Covid-19 (Mulcahy *et al.*, 2023), além da implementação de políticas claras de atendimento e comunicação (Mayer & Coelho, 2021) com os visitantes. Também é necessário investir na gestão das interações com clientes (Coelho & Mayer, 2020) e no planejamento de respostas diante de crises (Rocha & Silveira, 2020).

Essas competências gerenciais abrem caminho para aplicações práticas no setor. Por exemplo, ao planejar ambientes seguros, acolhedores e que favoreçam conexões significativas e, sobretudo, reflexão pessoal, pode-se aumentar o potencial transformativo das experiências (Huang *et al.*, 2023; Milazzo & Soulard, 2024). Até porque os níveis de bem-estar experimentados pelos indivíduos aumentam quando um dos promotores de bem-estar está

presente e atingem níveis mais elevados quando mais de um deles existe na experiência turística (Mayer et al., 2019).

Situações extremas, como as vivenciadas durante a pandemia, podem impulsionar processos de transformação pessoal. No entanto, é fundamental evitar a romantização de crises. Eventos adversos impõem riscos emocionais, físicos e sociais significativos (Kirillova et al., 2017b), e não cabe aos gestores turísticos fomentar cenários de vulnerabilidade. Cabe a eles, sim, reconhecer a possibilidade do surgimento de redutores de bem-estar e atuar para que as experiências ocorram de forma segura, planejada e controlada. O desafio gerencial, nesse contexto, exige criatividade e responsabilidade para equilibrar desafios significativos com elementos promotores de bem-estar, sem expor os viajantes a riscos desnecessários. Por exemplo, criar protocolos de gestão de crise para orientar funcionários e turistas em situações improváveis, mas não imprevistas, precisa ser uma prática habitual para secretarias e gestores de equipamentos de turismo. Dentre as ações previstas devem estar situações negativas como assédio moral e sexual, furtos e crimes, problemas com eletricidade, água e internet, perda de documentos, problemas de saúde dos turistas, problemas no atendimento, entre outros. Treinamentos internos para a equipe também devem ser considerados pelos gestores (Neuhofer, 2025), com o intuito de melhorar a gestão do turismo, promover a inovação e aumentar as chances de gerar transformações genuínas. Reforçar elementos de autenticidade do destino também pode ser um caminho para impulsionar a autorreflexão dos turistas, que tendem a contrastar sua realidade própria com a realidade local.

É preciso, portanto, promover um equilíbrio entre transformação e segurança, planejando vivências que estimulem a reflexão e o crescimento pessoal de maneira ética, estruturada e sustentável. Projetar experiências que favoreçam o bem-estar e o desenvolvimento dos turistas beneficia não apenas os próprios viajantes, mas também os destinos receptores, os residentes e os empreendedores locais. Além disso, é urgente o fortalecimento de redes de apoio e a mitigação dos impactos das crises, por meio da oferta de suporte físico e psicológico (Schweiggart et al., 2025).

Este estudo apresenta limitações que devem ser reconhecidas. As escolhas metodológicas da pesquisa orientaram-se pelo paradigma pós-positivista, com uma abordagem dedutiva, partindo de categorias teóricas pré-existentes na literatura científica, notadamente aquelas associadas à Teoria da Aprendizagem Transformativa (TAT) e o modelo PERMA. Reconhece-se, entretanto, que a natureza subjetiva e experiencial do fenômeno estudado comporta múltiplas interpretações e significados. Assim, admite-se que uma abordagem construcionista poderia ampliar a compreensão da dimensão interpretativa das narrativas e das interações simbólicas entre os sujeitos e o contexto da viagem. Pesquisas futuras podem aprofundar essa perspectiva, especialmente por meio de métodos como a Grounded Theory, que privilegia a co-construção de sentidos entre participantes e pesquisadores.

Ademais, embora a abordagem qualitativa tenha permitido avanços teóricos relevantes, não foi possível mensurar o impacto preciso das experiências narradas, nem determinar quais elementos exerceram maior ou menor influência nos processos de transformação. Tampouco se avaliou a frequência dos códigos identificados ou a continuidade das mudanças em viagens posteriores. Pesquisas futuras poderão aprofundar a síntese conceitual aqui proposta com metodologias quantitativas, especialmente com o desenvolvimento e teste de escalas voltadas às experiências turísticas transformativas.

Ainda assim, esta investigação representa uma contribuição original e significativa. A análise de 17 entrevistas forneceu insights valiosos e avançou o debate teórico ao integrar o turismo transformativo e o bem-estar subjetivo. A proposta de articulação entre a Teoria da Aprendizagem Transformativa e o modelo PERMA inaugura uma nova via interpretativa nos estudos de turismo, ao evidenciar que a jornada do viajante pode ser simultaneamente um deslocamento físico e um percurso de autoconhecimento, autorreflexão, crescimento pessoal e transformação.

REFERÊNCIAS

- Amaro, D., Caldeira, A. M., & Seabra, C. (2025). Transformative experiences in tourism: A conceptual and critical analysis integrating consumer and managerial perspectives. *Tourism and Hospitality Research*, 25(1), 135-146. <https://doi.org/10.1177/14673584231182971>
- Abdullah, M., Dias, C., Muley, D., & Shahin, M. (2020). Exploring the impacts of COVID-19 on travel behavior and mode preferences. *Transportation research interdisciplinary perspectives*, 8, 100255. <https://doi.org/10.1016/j.trip.2020.100255>
- Alahakoon, T., Pike, S., & Beatson, A. (2021). Transformative destination attractiveness: an exploration of salient attributes, consequences, and personal values. *Journal of travel & tourism marketing*, 38(8, SI), 845-866. <https://doi.org/10.1080/10548408.2021.1925616>

- Anschütz, S., & Mazzucato, V. (2022). Travel and personal growth: the value of visits to the country of origin for transnational migrant youth. *Compare: A Journal of Comparative and International Education*, 53(8), 1392–1409. <https://doi.org/10.1080/03057925.2022.2036593>
- Bae, S. Y., & Chang, P. J. (2021). The effect of coronavirus disease-19 (COVID-19) risk perception on behavioural intention towards 'untact' tourism in South Korea during the first wave of the pandemic (March 2020). *Current Issues in Tourism*, 24(7), 1017–1035. <https://doi.org/10.1080/13683500.2020.1798895>
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Baum, T., & Hai, N. T. T. (2020). Hospitality, tourism, human rights and the impact of COVID-19. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 32(7), 2397–2407. <https://doi.org/10.1108/IJCHM-03-2020-0242>
- Coelho, M., Gosling, M., & Almeida, A. S. A. (2018). Tourism experiences: Core processes of memorable trips. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 37, 11–22. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2018.08.004>
- Coelho, M. de F., Gosling, M. de S., Lohmann, G., & Lopes, H. E. G. (2025). The Influence of Mindfulness on memorable tourism experience and its consequences. *HOLOS*, 7, 40. <https://doi.org/10.15628/holos.2024.15331>
- Coelho, M. F., & Mayer, V. F. (2020). Gestão de serviços pós-COVID: O que se pode aprender com o setor de turismo e viagens? *Gestão e Sociedade*, 14(39), 3698–3706. <https://doi.org/10.21171/ges.v14i39.3306>
- Coghlan, A., & Gooch, M. (2011). Applying a transformative learning framework to volunteer tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 19(6), 713–728. <https://doi.org/10.1080/09669582.2010.542246>
- Coombs, W. T. (2021). *Ongoing crisis communication: Planning, Managing, and Responding* (6th Edition). SAGE Publications.
- Creswell J. W. & Inoue M. (2025) A process for conducting mixed methods data analysis. *Journal of Family and General Medicine*. 26, 4–11. <https://doi.org/10.1002/jgf2.736>
- Csikszentmihalyi, M. (1990). *Flow: The psychology of optimal experience*. Harper & Row.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542–575. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.95.3.542>
- Diener, E., & Suh, E. (1997). Measuring quality of life: Economic, social, and subjective indicators. *Social Indicators Research*, 40(1-2), 189–216. <https://doi.org/10.1023/A:1006859511756>
- Diener, E., Oishi, S., & Lucas, R. E. (2003). Personality, Culture, and Subjective Well-being: Emotional and Cognitive Evaluations of Life. *Annual Review of Psychology*, 54, 403–425. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.54.101601.145056>
- Dieteren, N., & Neuhofer, B. (2025). Transformative Experiences: Exploring the Role of Experience Facilitators. *The Service Industries Journal*, 45(7–8), 657–680. <https://doi.org/10.1080/02642069.2024.2346241>
- Doğan, Y., Buyruk, L., Balıkcıoğlu Dedeoğlu, S., & Ercik, C. (2022). The Relationship Between the Fear of Contracting Coronavirus and the Holiday Purchase Intention of Employees Working in Public Institutions. *Anais Brasileiros De Estudos Turísticos*, 12(1). <https://doi.org/10.5281/zenodo.6823303>
- Dryhurst, S., Schneider, C. R., Kerr, J., Freeman, A. L. J., Recchia, G., van der Bles, A. M., ... van der Linden, S. (2020). Risk perceptions of COVID-19 around the world. *Journal of Risk Research*, 23(7–8), 994–1006. <https://doi.org/10.1080/13669877.2020.1758193>
- Filep, S. (2016). Tourism and positive psychology critique: Too emotional? *Annals of Tourism Research*, 59, 113–115. <https://doi.org/10.1016/j.ANNALS.2016.04.004>
- Filep, S. (2012). Moving Beyond Subjective Well-Being. *Journal of Hospitality & Tourism Research*, 38(2), 266–274. <https://doi.org/10.1177/1096348012436609>
- Filep, S., Laing, J., & Csikszentmihalyi, M. (2016). *Positive tourism*. Taylor & Francis. New York.
- Fu, X., Liu, X., Li, H., Wang, Y., & Li, Z. (2022). Creating a balanced family travel experience: A perspective from the motivation–activities–transformative learning chain. *Tourism Management Perspectives*, 41, 1–12. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2022.100949>
- Fu, X. et al. (2022). Creating a balanced family travel experience: A perspective from the motivation–activities–transformative learning chain. *Tourism Management Perspectives*, 41, 100941. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2022.100941>

- Gössling, S., & Scott, D. (2025). Climate change and tourism geographies. *Tourism Geographies*, 27(3–4), 642–652. <https://doi.org/10.1080/14616688.2024.2332359>
- Green, L. (2023). No ground: Disorientation as prerequisite for transformation. *Journal of Transformative Education*, 21(2), 190–206. <https://doi.org/10.1177/15413446221105577>
- Gretzel, U., Fuchs, M., Baggio, R., Hoepken, W., Law, R., Neidhardt, J., Pesonen, J., Zanker, M., & Xiang, Z. (2020). e-Tourism beyond COVID-19: a call for transformative research. *Information Technology & Tourism*, 22(2), 187–203. <https://doi.org/10.1007/s40558-020-00181-3>
- Grigoriadis, P., Salepaki, A., Angelou, I., & Kourkouridis, D. (2025). Risk and Resilience in Tourism: How Political Instability and Social Conditions Influence Destination Choices. *Tourism and Hospitality*, 6(2), 83. <https://doi.org/10.3390/tourhosp6020083>
- Hanley, A., Warner, A., & Garland, E. L. (2015). Associations between mindfulness, psychological well-being, and subjective well-being with respect to contemplative practice. *Journal of Happiness Studies*, 16(6), 1423–1436. <https://doi.org/10.1007/s10902-014-9569-5>
- Heintzelman, S. J. (2018). Eudaimonia in the contemporary science of subjective well-being: Psychological well-being, self-determination, and meaning in life. In E. Diener, S. Oishi, & L. Tay (Eds.), *Handbook of well-being*. Salt Lake City, UT: DEF Publishers.
- Hu, P., & Wang, D. D. (2025). The impact of war on tourism: A synthetic control and causal configuration analysis, *Annals of Tourism Research*, 114, 104014, 0160-7383, <https://doi.org/10.1016/j.annals.2025.104014>
- Huang, X., Wang, P., & Wu, L. (2023). Well-being Through Transformation: An Integrative Framework of Transformative Tourism Experiences and Hedonic Versus Eudaimonic Well-being. *Journal of Travel Research*, 63(4), 974-994. <https://doi.org/10.1177/00472875231171670> (Original work published 2024)
- Kirillova, K., Lehto, X., & Cai, L. (2017a). Tourism and Existential Transformation: An Empirical Investigation. *Journal of travel research*, 56(5), 638–650. <https://doi.org/10.1177/0047287516650277>
- Kirillova, K., Lehto, X., & Cai, L. (2017b). What triggers transformative tourism experiences? *Tourism Recreation Research*, 42(4), 498–511. <https://doi.org/10.1080/02508281.2017.1342349>
- Kirillova, K., Lehto, X., & Cai, L. (2016). Existential authenticity and anxiety as outcomes: The tourist in the experience economy. *International Journal of Tourism Research*, 19(1), 13–26. <https://doi.org/10.1002/itr.2080>
- Kondja, A., Filep, S., Mackenzie, S. H., Lo, A., & Vada, S. (2024). Exploring the psychological well-being of tourism community members through the lens of self-determination theory: A case study of Queenstown, New Zealand. *Tourism Analysis*, 29(1), 1–16. <https://doi.org/10.3727/108354223X16898473535094>
- Kunwar, R. R., & Ulak, N. (2024). Understanding Transformative Learning and Transformative Tourism. *Journal of Tourism & Adventure*, 7(1), 1–40. <https://doi.org/10.3126/jota.v7i1.69536>
- Laing, J. H., & Frost, W. (2017). Journeys of well-being: Women's travel narratives of transformation and self-discovery in Italy. *Tourism Management*, 62, 110–119. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2017.04.004>
- Mayer, V. F., Machado, J. dos S., Marques, O., & Nunes, J. M. G. (2019). Mixed feelings?: fluctuations in well-being during tourist travels. *The Service Industries Journal*, 40(1–2), 158–180. <https://doi.org/10.1080/02642069.2019.1600671>
- Mayer, V. F., Fraga, C. C. L., & Silva, L. C. S. (2021). Contributions of neurosciences to studies of well-being in tourism. In A. R. C. Perinotto, V. F. Mayer, & J. R. R. Soares (Eds.), *Rebuilding and restructuring the tourism industry: Infusion of happiness and quality of life* (pp. 108–128). Business Science Reference/IGI Global. <https://doi.org/10.4018/978-1-7998-7239-9.ch006>
- Mayer, V. F., & Coelho, M. de F. (2021). Sonhos interrompidos: memórias e emoções de experiências de viagem durante a propagação da Covid-19. *Revista Brasileira De Pesquisa Em Turismo*, 15(1), 2192. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v15i1.2192>
- Mezirow, J. (1991). *Transformative dimensions of adult learning*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Mezirow, J. (1978). *Education for Perspective Transformation: Women's Re-entry Programs in Community Colleges*. Columbia University Center for Adult Education, New York, NY.
- Milazzo, L., & Soulard, J. (2024). Bridging disciplinary perspectives on transformation: Epistemologically evaluating liminality and transformative learning. *Annals of Tourism Research*, 104, 103710. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2023.103710>

- Morgan, A. D. (2010). Journeys into transformation: Travel to an “other” place as a vehicle for transformative learning. *Journal of Transformative Education*, 8(4), 246–268. <http://dx.doi.org/10.1177/1541344611421491>
- Mulcahy, R., Pourfakhimi, S., Prayag, G., Falatoonitoosi, E., & Scott, N. (2023). Seeking thrills during a crisis? A TSR and hierarchy of effects perspective of the transformative potential of travel. *Journal of Services Marketing*, 37(4), 510-530. <https://doi.org/10.1108/JSM-02-2022-0047>
- Nandasena, R., Morrison, A. M., & Coca-Stefaniak, J. A. (2022). Transformational tourism – a systematic literature review and research agenda. *Journal of Tourism Futures*, 8(3), 282–297. <https://doi.org/10.1108/JTF-02-2022-0038>
- Neuhofer, B. (2024). Transformative experiences: a conceptual analysis of the integration process. *The Service Industries Journal*, 44(7–8), 522–537. <https://doi.org/10.1080/02642069.2024.2342295>
- Neuhofer, B. (2025). Positive tourism experiences for human transformation: a Horizon 2050 paper. *Tourism Review*, 80(1), 39–52. <https://doi.org/10.1108/TR-12-2023-0888>
- Neuhofer, B., Celuch, K., & To, T. L. (2020). Experience design and the dimensions of transformative festival experiences. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 32(9), 2881-2901. <https://doi.org/10.1108/ijchm-01-2020-0008>
- Nickerson, N. P., Sage, J., & Jorgenson, J. (2020). *Crowding perceptions and satisfaction in national parks: When will we learn?* Travel and Tourism Research Association: Advancing Tourism Research Globally, 47. <https://hdl.handle.net/20.500.14394/49206>
- Orden-Mejía, M., Carvache-Franco, M., Huertas, A., Carvache-Franco, W., Landeta-Bejarano, N., & Carvache-Franco, O. (2022). Post-COVID-19 Tourists’ Preferences, Attitudes and Travel Expectations: A Study in Guayaquil, Ecuador. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(8), 4822. <https://doi.org/10.3390/ijerph19084822>
- Organização Mundial da Saúde. (2021). Coronavirus disease 2019 (COVID-19): *Situation report*. <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports/situation-reports-archive>
- Paixão, W. B. da., Lima, J. G., & Cordeiro, I. J. D. e. (2023). Gestão de crises e turismo: Uma análise quanti-qualitativa a nível internacional. *Revista De Turismo Contemporâneo*, 11(3), 362–388. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2023v11n3ID31473>
- Pala, T., & Cetin, G. (2022). Exploring transformative travel experiences: The case of Turkish travelers. *Tourism & Management Studies*, 18(2), 7–17. <http://dx.doi.org/10.18089/tms.2022.180201>
- Poutiatine, M. I. (2009). What is transformation?: Nine principles toward an understanding of the transformational process for transformational leadership. *Journal of Transformative Education*, 7(3), 189–208. <https://doi.org/10.1177/1541344610385249>
- Prentice, C., Altinay, L., & Woodside, A. G. (2021). Transformative service research and COVID-19. *Service Industries Journal*, 41(1–2), 1–8. <https://doi.org/10.1080/02642069.2021.1883262>
- Pung, J., & Chiappa, G. (2020). An exploratory and qualitative study on the meaning of transformative tourism and its facilitators and inhibitors. *European Journal of Tourism Research*, 24, 2404. <https://doi.org/10.54055/ejtr.v24i.406>
- Pung, J. M., Gnoth, J., & Del Chiappa, G. (2020). Tourist transformation: Towards a conceptual model. *Annals of Tourism Research*, 81, 102885. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2020.102885>
- Pung, J. M., Yung, R., Khoo-Lattimore, C., & Del Chiappa, G. (2019). Transformative travel experiences and gender: a double duoethnography approach. *Current Issues in Tourism*, 23(5), 538–558. <https://doi.org/10.1080/13683500.2019.1635091>
- Reisinger, Y. (2013). Transformation and transformational learning in tourism. In *Transformational tourism: Tourist perspectives* (pp. 17–26). CABI. <https://doi.org/10.1079/9781780642093.0017>
- Richardson, N., & Insch, A. (2021). Enabling transformative experiences through nature-based tourism. *Tourism Recreation Research*, 48(2), 311–318. <https://doi.org/10.1080/02508281.2021.1952396>
- Robledo, M. A., & Batle, J. (2015). Transformational tourism as a hero’s journey. *Current Issues in Tourism*, 20(16), 1736–1748. <https://doi.org/10.1080/13683500.2015.1054270>
- Rocha, M. M. da, & Silveira, M. A. T. da. (2021). Gestão de Risco no Turismo: Análise dos Destinos Turísticos no Brasil e a Vulnerabilidade a Desastres Naturais. *Marketing & Tourism Review*, 6(1). <https://doi.org/10.29149/mtr.v6i1.6463>

- Ross, S. (2010). Transformative travel: An enjoyable way to foster radical change. *ReVision*, 32(1), 54-61. <https://DOI:10.4298/REVN.32.1.54-62>
- Rossi, G. B., Serralvo, F. A., & Joao, B. N. (2014). Análise de Conteúdo. *ReMark - Revista Brasileira De Marketing*, 13(4), 39-48. <https://doi.org/10.5585/remark.v13i4.2701>
- Rosselló, J., Becken, S., & Santana-Gallego, M. (2020). The effects of natural disasters on international tourism: A global analysis. *Tourism management*, 79, 104080. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2020.104080>
- Ryff, C. D., & Keyes, C. L. M. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(4), 719-727. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.69.4.719>
- Ryff, C. D., & Singer, B. H. (2008). Know thyself and become what you are: A eudaimonic approach to psychological well-being. *Journal of Happiness Studies*, 9, 13-39. <https://doi.org/10.1007/s10902-006-9019-0>
- Ryff, C. D., Boylan, J. M., & Kirsch, J. A. (2021). Eudaimonic and hedonic well-being: An integrative perspective with linkages to sociodemographic factors and health. In M. T. Lee, L. D. Kubzansky, & T. J. VanderWeele (Eds.), *Measuring well-being: Interdisciplinary perspectives from the social sciences and the humanities* (pp. 92-135). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780197512531.003.0005>
- Schweiggart, N., Shah, A. M., Qayyum, A., & Jamil, R. A. (2025). Navigating negative experiences: how do they influence tourists' psychological and behavioral responses to tourism service failures on social media. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, 30(6), 786-808. <https://doi.org/10.1080/10941665.2025.2471492>
- Seligman, M. E. P. (2011). *Flourish*. New York: The Free Press.
- Seligman, M. (2018). PERMA and the building blocks of well-being. *The Journal of Positive Psychology*, 13(4), 333-335. <https://doi.org/10.1080/17439760.2018.1437466>
- Sigala, M. (2020). Tourism and COVID-19: Impacts and implications for advancing and resetting industry and research. *Journal of Business Research*, 117, 312-321. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.06.015>
- Silva, L. C. S., & Mayer, V. F. (2021). Wellness tourism: Conceptual analysis and trends. In *Handbook of research on the impacts, challenges, and policy responses to overtourism* (pp. 160-180). IGI Global. <https://doi.org/10.4018/978-1-7998-7239-9.ch009>
- Sheldon, P. J. (2020). Designing tourism experiences for inner transformation. *Annals of Tourism Research*, 83, 102935. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2020.102935>
- Smolčić Jurdana, D., & Agbaba, R. (2025). Management of Crisis Situations Towards Tourism Destination Sustainability: Key Factors and Measures. *Sustainability*, 17(23), 10871. <https://doi.org/10.3390/su172310871>
- Soulard, J., McGehee, N., & Knollenberg, W. (2020). Developing and testing the Transformative Travel Experience Scale (TTES). *Journal of Travel Research*, 0(0), 1-24. <https://doi.org/10.1177/0047287520919511>
- Soulard, J., McGehee, N. G., & Stern, M. (2019). Transformative tourism organizations and glocalization. *Annals of Tourism Research*, 76, 91-104. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2019.03.007>
- Soulard, J., McGehee, N. G., Stern, M. J., & Lamoureux, K. M. (2021). Transformative tourism: Tourists' drawings, symbols, and narratives of change. *Annals of Tourism Research*, 87, 103141. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2021.103141>
- Teoh, M. W. Y., Wang, Y., & Kwek, A. (2021). Conceptualising co-created transformative tourism experiences: A systematic narrative review. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 47, 176-189. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2021.03.013>
- Tikhonova, D., Kim, S., Butler, G. (2018). Conceptualising Challenging Experiences and Post-Travel Culture Involvement. In: Kozak, M., Kozak, N. (eds) *Tourist Behavior. Tourism, Hospitality & Event Management*. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-78553-0_8
- Tito, A. L. de A., & Araújo, M. V. P. D. (2019). Estudos sobre Gestão de Crises no Turismo: Abordagens e Contextos / Studies on Crisis Management in Tourism: Approaches and Contexts. *Revista Rosa Dos Ventos - Turismo E Hospitalidade*, 11(2). Recuperado de <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/6008>
- Tomé, M. (2018). Factores restrictivos del turismo: La percepción de la demanda real y potencial sobre la seguridad pública en Rio de Janeiro (Brasil). *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 27(4), 968-984.
- Tronvoll, B., & Edvardsson, B. (2022). Customer experiences in crisis situations: An agency-structure perspective. *Marketing Theory*, 22(4), 539-562. <https://doi.org/10.1177/14705931221104520>
- Tsaur, S. H., & Huang, C. C. (2015). Working Holiday Tourist Learning: Scale Development and Validation. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 33(4), 535-550. <https://doi.org/10.1080/10548408.2015.1064851>

- Tse, S., & Tung, V. W. S. (2021). Residents' discrimination against tourists. *Annals of Tourism Research*, 88, 103060. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2020.103060>
- Vada, S., Prentice, C., & Hsiao, A. (2019). The role of positive psychology in tourists' behavioural intentions. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 51, 293-303. <https://doi.org/10.1016/j.jretconser.2019.06.015>
- Vărzaru, A. A., Bocean, C. G., & Cazacu, M. (2021). Rethinking Tourism Industry in Pandemic COVID-19 Period. *Sustainability*, 13(12), 6956. <https://doi.org/10.3390/su13126956>
- Walker, J., & Manyamba, V. N. (2020). Towards an emotion-focused, discomfort-embracing transformative tourism education. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 26, 100213. <https://doi.org/10.1016/j.jhlste.2019.100213>
- Walter, P. G. (2016). Catalysts for transformative learning in community-based ecotourism. *Current Issues in Tourism*, 19(13), 1356–1371. <https://doi.org/10.1080/13683500.2013.850063>
- Wheatley, D., & Bickerton, C. (2017). Subjective well-being and engagement in arts, culture and sport. *Journal of Cultural Economics*, 41, 23–45. <https://doi.org/10.1007/s10824-016-9270-0>
- Wolf, I. D., Ainsworth, G. B., & Crowley, J. (2017). Transformative travel as a sustainable market niche for protected areas: a new development, marketing and conservation model. *Journal of Sustainable Tourism*, 25(11), 1650–1673. <https://doi.org/10.1080/09669582.2017.1302454>
- Xu, Y., Peng, P., Claramunt, C., & Lu, F. (2022). Impact of COVID-19 on tourists' travel intentions and behaviors: The case study of Hong Kong, China. In F. Karimipour & S. Storandt (Eds.), *Web and wireless geographical information systems*. Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-031-06242-1_X
- Zhang, Y. (2025). Rethinking tourist transformation: from reflection to developmental narratives. *Journal of Hospitality and Tourism Insights*, 8(11), 142–158. <https://doi.org/10.1108/JHTI-01-2025-0042>
- Zhang, S., Sun, T., & Lu, Y. (2023). The COVID-19 Pandemic and Tourists' Risk Perceptions: Tourism Policies' Mediating Role in Sustainable and Resilient Recovery in the New Normal. *Sustainability*, 15(2), 1323. <https://doi.org/10.3390/su15021323>
- Zhao, Y. (2025). Disorientation in journeys and tourist transformation: A moderated mediation model of perceived meaningfulness and self-reflection. *Journal of Travel Research*, 64(1), 1–18. <https://doi.org/10.1177/00472875251363164>
- Zhao, Y. (2025). Toward a conceptual boundary of the transformative tourism experience. *Current Issues in Tourism*, 1–17. <https://doi.org/10.1080/13683500.2025.2607548>
- Zhao, Y., & Agyeiwaah, E. (2023). Understanding tourists' transformative experience: a systematic literature review. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 54, 188-199. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2022.12.013>
- Zhu, O. Y., & Dolnicar, S. (2022). Can disasters improve the tourism industry? The role of normative, cognitive and relational expectations in shaping industry response to disaster-induced disruption. *Annals of Tourism Research*, 93, 103288. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2021.103288>

Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados não estão disponíveis devido a restrições éticas relacionadas à proteção da identidade, da privacidade e da confidencialidade dos participantes da pesquisa, conforme previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Informação dos Autores

Letícia Cynara Santos-Silva

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Bolsista de Doutorado CAPES/PROSUC. Mestra em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bacharela em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Consultora de Turismo. Áreas de pesquisa: acessibilidade e inclusão; bem-estar; experiência turística; transformação.

Contribuições: Conceituação, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Redação do manuscrito original, Redação - revisão e edição.

E-mail: leticiascynara@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8392-5011>

Verônica Feder Mayer

Professora Titular da Universidade Federal Fluminense (UFF) e docente dos Programas de Pós-Graduação em Turismo da UFF (PPGTUR-UFF) e da Universidade de São Paulo (PPGTUR-USP). Coordena o LABCONS/UFF e desenvolve estudos sobre comportamento do consumidor no turismo, comportamento sustentável, economia comportamental, marketing turístico, bem-estar e experiências turísticas.

Contribuições: Conceituação, Análise formal, Metodologia, Supervisão, Redação do manuscrito original, Redação - revisão e edição.

E-mail: veronicamayer@id.uff.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7543-5215>

Mariana de Freitas Coelho

Pós-Doutora em Hospitalidade. Professora de Marketing da Universidade Federal do Paraná. Docente do PPGTUR - UFPR. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Mercademia.

Contribuições: Conceituação, Análise formal, Redação do manuscrito original, Redação - revisão e edição.

E-mail: abtluz@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7081-1429>

Aline Barbosa Tinoco Luz

Professora no Instituto Federal de Ciência Educação e Tecnologia do Espírito Santo (IFES-Vitória). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Bolsista de Doutorado CNPq. Mestra em Turismo pelo Programa de PósGraduação em Turismo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Participa do LABCONS/UFF e desenvolve estudos sobre comportamento do consumidor no turismo, comportamento sustentável, bemestar e experiências turísticas.

Contribuições: Conceituação, Visualização, Redação do manuscrito original, Redação - revisão e edição.

E-mail: abtluz@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6245-6383>